

Figueira, J., & Santos, S. (Eds.). (2021). *As fake news e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade*. Imprensa da Universidade de Coimbra. 283p. ISBN 978-989-26-1777-0

Por: LUIS CORUJO

Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Centro de Estudos Clássicos

<https://www.cienciavtae.pt/701B-83DA-E09D>

luiscorujo@campus.ul.pt

ORCID: 0000-0003-4411-2453

Somos periodicamente confrontados com notícias acerca de campanhas de desinformação orquestradas para minar e espalhar o medo acerca de descobertas científicas e avanços tecnológicos, como são exemplos as vacinas do COVID-19 ou a redes móveis de 5G. As *fake news* constituem uma ameaça às sociedades democráticas e ecossistemas de informação, pela disrupção que provocam no contexto dos processos eleitorais e de empoderamento cívico, ou porque a verdade deixa de estar relacionada com a autoridade, a experiência ou os factos reais, ligando-se agora a aspetos de interpretação, perceção, emoções ou sentimentos (Revez & Corujo, 2021). A era da Pós-Verdade apresenta-se como um novo enquadramento que se constitui globalmente, pelo uso extensivo das plataformas tecnológicas de comunicação apelidadas de redes sociais por quem dissemina informação falsa e/ou enviada com o fim de manipular a opinião pública (Revez & Corujo, 2021). Este enquadramento contextualiza-se como um desafio para vários agentes, como políticos, órgãos de comunicação social, jornalistas e profissionais da informação para refletir sobre o papel da informação na Sociedade que se desenvolveu sobre o valor do Conhecimento (Revez & Corujo, 2021).

Este é o mote da obra *As fake news e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade*, que pretende, num “tempo em que a informação, apesar de mais abundante e omnipresente que nunca, de ser consumida numa voragem aparentemente incompatível com a profundidade e a exploração, implica cada vez mais um exercício de prudência, desconfiança e verificação” (Figueira e Santos, 2021, p. 11), questionar e debater estes fenómenos sobre as *fake news*, a desinformação, e a verdade, o jornalismo e o conteúdo gerado pelo utilizador na era da permanente conectividade,

numa perspectiva transdisciplinar, transparecendo as investigações e reflexões de investigadores de várias universidades portuguesas e brasileiras, apresentando estudos de caso e soluções.

O livro é encabeçado pela introdução desenvolvida pelos organizadores da obra, João Figueira e Sílvio Santos, professores da Universidade de Coimbra da área disciplinar de Ciências da Comunicação. Os autores consideram que a consciência coletiva acaba por resultar das narrativas dominantes construídas por agências mediáticas, em sede de complexas relações de poder e influência, com resultados numa memória povoada de imprecisões de linguagem, marcadas pelo serviço à persuasão e à construção de pós-verdades. Percecionam que este poder e influência tornam difícil e perigoso o papel do jornalista para questionar “as histórias institucionais” e colocar as perguntas difíceis. Abordam as questões da manipulação da opinião pública, da destrição entre *mis-information*, *dis-information* e *mal-information*, da influência das plataformas de redes sociais *Facebook* e *Twitter* no atual ambiente digital, que permitem a produção e a disseminação de informação falsa por qualquer pessoa. Neste ponto, consideram que estas plataformas representam o fim do monopólio dos órgãos de comunicação social mais tradicionais, admitindo, porém, que o fenómeno de *fake news* não se constitui como uma novidade, mas que se tornou um assunto com nova atualidade e relevância nas agendas políticas e científicas, e agora aberto ao espaço público.

Segue-se um ensaio de apresentação, da autoria de Ciro Marcondes Filho, observando o quão fundo é o “buraco” em que as *fake news* nos colocam, pontuado pelo aumento das desigualdades, dos conflitos e das políticas destrutivas de alguns países. Apresenta três vetores deste novo enquadramento, que se pautam pela crise dos agentes tradicionais de veiculação de informação, a exploração do espaço virtual por sistemas convergentes de pressão, e a densidade e sensação de opressão sobre o pensamento. Daqui, o autor discorre sobre o esvaziamento da formação da opinião pública e o subsequente desmoronamento das práticas racionais e consensuais de discurso por meio do que se chamou “conexão emocional” (com o abandono do pensamento estruturado e fundamentado em favor do imediatismo comunicacional), o uso das plataformas de redes sociais para a constituição de um *continuum* orquestrado de operações, que visam monopolizar a circulação de informação relevante (em sede de submissão à tecnologia), e a percepção que surge, tanto na esfera pública como no espaço individual, de opressão que paralisa ou impede o impulso para ações de oposição, aludindo aqui semelhanças aos regimes totalitários dos anos 20 a 40 do século XX, e que fomenta a “descrença no discurso iluminista e o retorno de solu-

ções místicas, seja pelo retorno da crença de salvação nas religiões, seja na subserviência total às tecnologias e às políticas que se propõem a resgatar um paraíso perdido das nações” (pp. 20-21).

Os doze estudos apresentados podem ser divididos em três categorias. A primeira configura-se com a contextualização das *fake news* e da desinformação. A segunda parte parece estar conotada com o enquadramento da Pós-Verdade, refletindo sobre o valor da verdade, o papel dos *media*, da tecnologia e dos produtores de opinião em relação aos factos, e que criam as condições ideais para que tudo e todo o que seja diferente seja visto com descrédito e desconfiança. O terceiro conjunto de artigos concentra-se nos estudos de caso, ambientados em processos eleitorais, sobre as perceções dos jornalistas acerca desta situação, e sobre a perspetiva da educação como pilar para dar resposta ao problema.

O artigo de Juremir Machado da Silva aborda a questão das *fake news* sob a perspetiva do pensamento de Jean Baudrillard e Umberto Eco. O professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul considera a falsificação de notícias nas redes sociais como uma continuidade mais veloz das antigas práticas de disseminação de narrativas não-verídicas.

Carla Baptista, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, aborda as condições históricas que contextualizam a degradação da esfera pública e promoveram o surgimento da desinformação e das notícias falsas no ambiente digital, interligando-se com a perceção de que a difícil adaptação do jornalismo à dinâmica do mundo digital constituiu uma fragilização ao seu papel de instituição social, de mediação e da qualidade da sua informação. A autora considera necessário perspetivar o jornalismo como trabalho de resistência intelectual apoiado por cidadãos esclarecidos.

Inês Amaral e Sofia José Santos, das Faculdades de Letras e de Economia da Universidade de Coimbra, apresentam um capítulo sobre a propagação de notícias falsas através de redes sociais e algoritmos automatizados, analisando as novas dinâmicas de participação cívica e novos intermediadores - os *gatekeepers* - e a sua influência neste ecossistema mediático, com o perigo de se substituírem evidências por crenças pessoais e emoções.

Muniz Sodré, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, refere-se à importância da credibilidade pública no jornalismo, assim como à veracidade dos factos, como pilares da democracia representativa, no âmbito da desinformação trazida por via das distorções, factoides e boatos trazidos para o contexto da comunicação eletrónica.

Inaugurando o segundo conjunto de textos, Alexandre Franco de Sá perspetiva uma evolução da relação entre verdade e soberania desde o

século XVII até à noção de pós-verdade. O investigador da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra alerta para o perigo da circulação de informação fruto de manipulação totalitária, que tenta ordenar e simplificar mediaticamente as pluralidades, reduzindo o mundo político a uma hegemonia dicotómica de correção política.

O ensaio de Hélder Prior debate as relações entre a política da pós-verdade e o populismo. O professor da Universidade Autónoma de Lisboa aborda o percurso histórico do populismo e o modelo de comunicação direta das redes sociais digitais, campo para a disseminação da retórica populista. O autor perspetiva-os como elementos de apoio à polarização ideológica, num contexto marcado pela crise de confiança na política e na justiça.

Fernando Zamith brinda-nos com um jogo de palavras entre *pós-verdade* e *pós de verdade*. O investigador da Faculdade de Letras da Universidade do Porto considera, assim, que o (ciber)jornalismo se compraz com fragmentos de informação, laivos de verdade. O autor propõe que se invista na reavaliação, a conquista da importância da verdade como bem social e condição indispensável à vida em Sociedade.

Luís António Umbelino, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, retorna à problemática da simplicidade da linguagem nos ecossistemas mediáticos, caracterizada pelo empobrecimento do conteúdo por motivos técnicos e comerciais, e onde despontam os formadores de opinião. Neste cenário, a opinião que surge como “linguagem do espaço público noticiada” é demasiado redutora e infantilizadora para permitir o pensamento sobre a complexidade dos problemas.

No último conjunto de textos, Antônio Fausto Neto, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, apresenta um estudo de caso centrado nas eleições presidenciais brasileiras de 2018, em que pretende analisar a produção e a circulação de *fake news* nas plataformas digitais de redes sociais, por motivos ideológicos, por agentes políticos que se aproveitam da complexificação da Sociedade em rede e do surgimento de zonas de sombras que “se instalam nos veios em que circulam e se transformam sentidos”. Outro artigo que estuda este caso brasileiro é o de Egle Müller Spinelli, da Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo, e Daniela Osvald Ramos, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. As autoras referem-se à influência do uso de plataformas tecnológicas na disseminação de informação em eleições democráticas, num contexto específico de alta taxa de analfabetismo funcional, em que a maioria da população consome informação em dispositivos móveis, redes sociais e aplicativos de mensagens, acabando por contribuir para a veiculação de desinformação.

Também no contexto brasileiro, Thaís de Mendonça Jorge parte do conceito Foucaultiano de “explosão discursiva” relativamente ao fenómeno das *fake news* para apresentar os resultados de um questionário, no sentido de identificar as perceções de jornalistas e professores de jornalismo brasileiros sobre o assunto. A docente da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília verifica que os jornalistas temem as *fake news*, estão preocupados com elas e consideram-nas como uma ameaça à credibilidade da profissão.

No último texto, responsabilidade de Sandra Marinho, da Universidade do Minho, a investigadora defende a formação superior de jornalistas com planos de estudo e estratégias de ensino que deem importância aprofundada às áreas das Ciências Sociais e Humanas, necessárias para promover o pensamento crítico, aberto e tolerante, constituindo ferramentas para aferir a veracidade e denunciar as notícias falsas, e que vão mais além dos mecanismos de verificação automatizados.

Em suma, os organizadores desta obra consideram que o debate relativo às *fake news* está ligado ao papel que a Internet e as redes sociais disputam com o jornalismo em termos de centralidade informativa e comunicacional, e também com a ascensão de novos protagonistas estranhos ao campo da política, mas que agora dominam o espaço público mediático. No corrente ambiente digital dominado pelas plataformas de redes sociais, consideram que as “hard news” circulam principalmente através do *Twitter*, apesar de o *Facebook* registar o maior tráfego de informação. Tudo isto representa uma alteração da maneira de como a política comunica e adquire nova centralidade, em que o populismo e a construção de pós-verdades se afirmam e desafiam a democracia e as práticas de informação esclarecida, exigente e rigorosa.

Referências

- Figueira, J., & Santos, S. (Eds.). (2021). *As fake news e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade*. Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Revez, J., & Corujo, L. (2021). Librarians against fake news: A systematic literature review of library practices (Jan. 2018–Sept. 2020). *The Journal of Academic Librarianship*, 47(2), 102304. <https://doi.org/10.1016/j.acalib.2020.102304>

